

# RIO + ELAS

PESQUISADORAS E CIENTISTAS  
CARIOCAS OU LIGADAS  
À CIDADE ESTÃO NA LINHA  
DE FRENTE DO COMBATE  
À CRISE CLIMÁTICA

Por EDUARDO VANINI | Foto LEO MARTINS

## MARIANA DE PAULA SANTOS

Em fevereiro, quando um temporal assolou o Jacarezinho, na Zona Norte, a ONG Labjaca, fundada pela engenheira de produção, entrou em campo para providenciar doações e abrigos. Mas não só. Tomados os cuidados emergenciais, era hora de explicar à população que havia nome para aquilo: racismo ambiental. "Se chove forte no Leblon, as pessoas não perdem suas casas ou deixam de trabalhar", compara. "Enquanto isso, o rio que corta a favela foi transformado em valão e a comunidade sofre com a tuberculose." O Labjaca age tanto na conscientização quanto na produção de dados para evidenciar a urgência de ações. "Ainda há quem pense que a solução do clima está em abraçar uma árvore ou plantar uma muda", diz Mariana, que no ano passado falou sobre o tema na COP 27, no Egito. "Precisamos debater justiça climática através dos eixos de opressão."

**A**ndréa Santos tinha 12 anos quando chefes de Estado de todo o mundo aterrissaram em solo carioca para a Rio 92. "Você ligava a TV e via povos originários falando sobre a importância de se preservar o meio ambiente. Decidi, então, que trabalharia com isso", conta a professora de Engenharia de Transportes da Coppe/UFRJ.

Três décadas depois, ela não só concluiu a meta pessoal como participa ativamente das negociações internacionais que sucederam aquele evento. Tampouco é uma voz isolada nesta cruzada que, este ano, ganhou contornos ainda mais dramáticos, com o início do El Niño e os recordes de temperatura. Pesquisadoras cariocas ou ligadas a instituições de pesquisa da cidade estão juntas a Andréa nessa trincheira onde não há mais tempo a perder.

## CAMILA PONTUAL

O Rio ganhou, em março deste ano, o centro de pesquisas Climate Hub, parceria entre a Universidade de Columbia, dos EUA, e a prefeitura, com foco nas mudanças climáticas. Camila é a gerente de Programas de Clima da Universidade no Brasil, com a missão de integrar cientistas do mundo inteiro. "As pesquisas vão da captura de carbono ao saneamento básico", ilustra a mestre em economia ambiental pela Sorbonne, na França. Ter o Rio como base, ela diz, faz sentido pelo papel histórico desde a Rio 92 e pela geografia. "Lidamos com os problemas dos grandes centros e convivemos com remanescentes da Mata Atlântica, que necessitam de conservação e recuperação."



FOTO: WALTER COSTA NETO/EFABIO ROSSI (CAMILA)



## LUISA MARIA DIELE-VIEGAS

A bióloga carioca está à frente de pesquisas sobre os impactos das alterações climáticas em répteis e anfíbios, animais especialmente sensíveis à temperatura. Ela já apurou que algumas espécies, devido ao aumento do calor, passam mais tempo entocadas e isso altera atividades como a caça e a reprodução. Artigos assinados por Luisa no doutorado correram o mundo e a levaram até a Nova Zelândia, onde falou no Congresso Mundial de Herpetologia. Professora visitante da Universidade Federal da Bahia, a bióloga também fundou o Laboratório de (Bio)Diversidade no Antropoceno, que tem entre as linhas de pesquisa a avaliação dos vieses dentro da carreira acadêmica, considerando questões como gênero, raça e sexualidade. "Ser mulher lidando com cobras e sapos, animais muito associados aos homens, faz com que eu vivencie situações complicadas, como ir a campo com equipes majoritariamente masculinas. Precisamos mudar esses paradigmas."

**"AINDA HÁ QUEM PENSE  
QUE A SOLUÇÃO DO  
CLIMA ESTÁ EM ABRAÇAR  
UMA ÁRVORE OU  
PLANTAR UMA MUDA"**

MARIANA DE PAULA SANTOS,  
FUNDADORA DO LABJACA



## SUZANA KAHN RIBEIRO

Ao se formar em engenharia mecânica e dar os primeiros passos na carreira, ainda nos anos 1980, Suzana via pouca ou nenhuma preocupação com o meio ambiente por parte de empresas e governos. Conforme a temperatura do planeta aumentava, porém, passou a acompanhar as mudanças do olho do furacão: trabalhou em hidrelétrica, liderou pesquisas com etanol e atuou como secretária de Mudanças Climáticas do Ministério do Meio Ambiente, entre 2008 e 2010, no segundo governo Lula. Hoje é presidente do Comitê Científico do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas e, nesta segunda, sela mais uma conquista: toma posse como diretora do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da UFRJ (Coppe/UFRJ), um dos maiores centros de ensino e pesquisa na América Latina. "Minha eleição tem a ver com o olhar sobre as fontes renováveis e a transição energética", reconhece, ao falar da instituição onde leciona desde 1998. "Quero fazer uma gestão alinhada com as modificações pelas quais o mundo passa. Nosso papel é usar as tecnologias na redução dos gases causadores do efeito estufa e na adaptação do planeta. A temperatura já está aumentando e precisamos reduzir os danos."



## ANA LUIZA SPADANO ALBUQUERQUE

Foi na Rio 92, quando ainda cursava Biologia, que ela descobriu que "o clima do planeta era uma 'bomba' prestes a explodir". Jamais perdeu o tema de vista e, no doutorado, pesquisou o clima da Terra ao longo do tempo, já que reconstituir o passado, "é fundamental para entendermos e prevermos o futuro". Professora da UFF há 30 anos, embarcou, no mês passado, num navio que partiu do Porto de Paramaribo, no Suriname, para Recife, juntamente com pesquisadores do Brasil e da França. A viagem de 20 dias serviu para coletar sedimentos do fundo oceânico que vão ajudar a contar a história do clima na Amazônia e no Nordeste nos últimos milhares e até milhões de anos. "O material vai nos permitir entender que tipo de mudanças climáticas esses ambientes já sofreram e como responderam a elas", descreve. Com mais de 120 artigos publicados e citada por pesquisadores do mundo inteiro, Ana Luiza sabe qual é a maior satisfação nessa trajetória: "Não há nada do que me orgulhe mais do que os cerca de 60 jovens pesquisadores que formei".

**"NOSSO PAPEL É USAR AS TECNOLOGIAS TANTO NA REDUÇÃO DOS GASES CAUSADORES DO EFEITO ESTUFA QUANTO NA ADAPTAÇÃO DO PLANETA"**

SUZANA KAHN RIBEIRO, DIRETORA DA COPPE/UFRJ

## ANDRÉA SANTOS

Secretária executiva do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas e colaboradora do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, Andréa participa de negociações internacionais, o que significa lidar com um ambiente ainda bastante masculino e onde nem sempre os objetivos são alcançados. Ela se lembra da Conferência do Clima da ONU em Copenhague, em 2009, cujos resultados ficaram aquém do planejado. "Passamos duas semanas negociando. Voltei na véspera do Natal e passei a data deprimida", diz Andréa, professora do Programa de Engenharia de Transportes da Coppe/UFRJ, onde está à frente de pesquisas com hidrogênio renovável. Resignar-se, porém, está fora de cogitação. Em novembro, vai a Dubai para mais uma rodada de negociações. "O contato com os alunos me traz um otimismo em saber que temos uma capacidade técnica e intelectual fantástica no Brasil. É a energia que me move."

FOTOS: LEONARDO MARTINS (ANA LUIZA) E FABRICIO ROSSI

